

ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

FERNANDA DAVILA SCHMACHTENBERG

MISCELÂNEA

Porto Alegre
2023

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FERNANDA DAVILA SCHMACHTENBERG

MISCELÂNEA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Orientadora: Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Porto Alegre

2023

FERNANDA DAVILA SCHMACHTENBERG

MISCELÂNEA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Escola de Humanidades, Curso de Escrita Criativa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Tecnóloga em Escrita Criativa.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Janaína de Azevedo Baladão

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Profa. Dra. Moema Pereira Vilela

Porto Alegre

2023

Dedico à Vó Iva, que um dia me pediu para que eu fosse feliz.

Saudades, vó.

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento é para minha mãe, Luciana Brito Davila, que me ensinou a dançar no meio da sala e sempre foi o abraço mais reconfortante e cheiroso de todos.

Ao meu pai, Marcelo Gomes Schmachtenberg, que trabalhou para me dar casa e conforto, e que eu sei que se orgulha muito de mim.

Toda a minha gratidão para meu noivo, Pedro Antônio. Sem ele, a faculdade e o TCC seriam muito mais pesados, porque é de Pedro que recebo os incentivos mais bonitos, e porque é ele quem me espera com uma janta quentinha todas as noites. Pedro desperta em mim as melhores filosofias e o meu desejo de ser uma pessoa mais íntegra. Obrigada, meu amor. Obrigada aos meus sogros, Nádia e Carlinhos Vazata, que me cuidam como se eu fosse filha.

Agradeço à minha dinda Diá, que em 2013, patrocinou o cursinho pré-vestibular, que possibilitou o meu ingresso na Universidade Federal, que, por sua vez, gerou uma série de catarses — nos mais diversos âmbitos de minha vida —, fazendo com que hoje eu possa cursar Escrita Criativa na PUCRS.

Obrigada também às minhas amigas Ariane Azevedo e Josiane Maliuk, presentes nas minhas memórias mais ternas da infância e adolescência. Aos primos Augusto e Álvaro Davila, por terem sido meus primeiros amigos. À Carol e Laura pela leveza e as noites das primas. À Lara Rojas, por ter estado presente no momento mais difícil da minha vida, e por ter lido e incentivado minhas primeiras poesias. Aos meus amigos Marcela Mendes e Heitor, por terem sido grandes parceiros na UFRGS; à Mariana Petracco por ser exemplo de luta e afeto e Jessica Maria pelas fogueiras e a amizade depois de grande.

Agradeço imensamente aos colegas de Escrita Criativa, por me fazerem sentir parte de algo que vale à pena, por terem compartilhado suas leituras, análises e textos. Os escritores que mais amo ler são aqueles com quem divido a sala de aula: especialmente, Marina Pagot, Leonardo Sessegolo, Valentina Prado e Alicia Sulzbach. Obrigada também à elegante colega Lu Estima, que se dispôs a compartilhar um relato muito pessoal para a construção deste trabalho.

Por fim, agradeço aos professores do curso: Altair Martins, pelas análises sempre tão completas e pelo humor sincero. À Moema Vilela, pelas aulas tipo “Sociedade dos poetas mortos”; ao professor Assis Brasil, pela imensa sabedoria e por compartilhar seus conhecimentos com tanta gentileza. Agradeço ao professor Luís Roberto Amabile pelos feedbacks construtivos. Ao Baldi, pelos projetos mais desafiadores, e por seu entusiasmo com os alunos. E, mais do que tudo, um muitíssimo obrigada à professora Janaina Baladão, que é uma pessoa acolhedora, de uma sabedoria que nunca acaba, mestra de aulas potentes, e que foi extremamente paciente ao me guiar na construção deste trabalho.

Sonhar um mundo é correr riscos
ainda maiores. É ser-se ambicioso
perante o que já é impossível.
(A máquina de fazer espanhóis
—Valter Hugo Mãe)

RESUMO

Este trabalho está dividido em uma parte teórica e outra criativa. A teórica, intitulada *Parede*, com o subtítulo *A inutilidade da velhice sob a perspectiva capitalista e a escrita como possibilidade de transformação dessa narrativa*, é um ensaio e tem por objetivo analisar a estigmatização da velhice na cultura capitalista ocidental e como a escrita pode transformar essa narrativa. Para explicar a “inutilidade da velhice sob a perspectiva capitalista”, me valho dos estudos históricos da autora Simone de Beauvoir (1970), em sua obra *A velhice*; e para pensar a respeito dos valores capitalistas que estimulam a estigmatização das pessoas idosas, destaco as obras *A utilidade do inútil: um manifesto*, de Nucio Ordine (2016); e *A sociedade do cansaço*, do filósofo Byung-Chul Han (2015). A respeito da proposta da escrita como possibilidade de transformação dessa narrativa, anoro os argumentos nos estudos de Gilles Deleuze (2006), principalmente, no livro *Crítica e clínica*. Minha pesquisa também lança o olhar na poesia e trajetória de vida dos escritores Manoel de Barros e Cora Coralina. Além da base bibliográfica, o ensaio conta com recortes de duas entrevistas concedidas, por escrito, especialmente para a realização deste trabalho. A primeira entrevista é da colega, jornalista escritora Maria Luiza Estima; e a segunda é do professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. A parte criativa deste trabalho recebe o nome de *Mosaico*, e é constituída de relatos a partir de memórias de encontros passageiros (exceto pelo primeiro texto, intitulado “Seja feliz”, que é introdutório e é um relato pertencente à minha família). A construção dos relatos surge das memórias a respeito dos encontros e de percepções pessoais psicológicas e sociais sobre as pessoas de cada texto, com arranjos ficcionais para atribuir-lhes o sentido desejado.

Palavras-chave: Velhice; Capitalismo; Escrita; Relatos; Escrita Criativa.

ABSTRACT

This work is divided into a theoretical and a creative part. The theory, entitled *Parede*, with the subtitle *A inutilidade da velhice sob a perspectiva capitalista e a escrita como possibilidade de transformação dessa narrativa*, is an essay and aims to analyse the stigmatization of old age in Western capitalist culture and how writing can transform this narrative. To explain the “uselessness of old age from a capitalist perspective”, I use the historical studies of the author Simone de Beauvoir (1970), in her work *A velhice*; and to think about the capitalist values that encourage the stigmatization of the elderly, I highlight the works *A utilidade do inútil: um manifesto*, by Nuccio Ordine (2016); and *A sociedade do cansaço*, by the philosopher Byung-Chul Han (2015). Regarding the proposal of writing as a possibility of transformation of this narrative, I anchor the arguments in the studies of Gilles Deleuze (2006), mainly in the book *Crítica e Clínica*. My research also looks at the poetry and life trajectory of the writers Manoel de Barros and Cora Coralina. In addition to the bibliographic base, the essay has excerpts from two interviews given, in writing, especially for the accomplishment of this work. The first interview is with a colleague, journalist and writer Maria Luiza Estima; and the second is by professor and writer Luiz Antonio de Assis Brasil. The creative part of this work is called *Mosaico*, and is made up of reports based on memories of passing encounters (except for the first text, entitled “Be happy”, which is introductory and is a story belonging to my family). The construction of the reports arises from memories about the meetings and from personal psychological and social perceptions about the people in each text, with fictional arrangements to attribute the desired meaning to them.

Keywords: Old age; Capitalism; Writing; Reports; Creative Writing.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2 PAREDE	11
3 MOSAICO	30
Seja feliz	30
Ana e o mar	31
No braço e na branquinha	34
Higiene carcerária	37
Mulheres que moram em barracas	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	53

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Apesar de este ser um trabalho de conclusão do curso de Escrita Criativa, toda a sua razão de existir está ancorada nas pessoas. O tema central – tanto da parte teórica (na forma de ensaio), quanto da criativa (na forma de relatos) – são as pessoas. A escrita vem depois. No ensaio, me dedico a entender como nós, enquanto sociedade, percebemos, lidamos e vivenciamos a velhice, fase tão sensível às nossas limitações humanas, muito em função da proximidade do tema da morte. Para essa primeira parte, utilizo os estudos de Simone de Beauvoir (1970), em sua obra *A velhice*. Procuo refletir sobre a estigmatização de pessoas idosas em consequência aos valores capitalistas de hipervalorização da produtividade e à falta de espaço e incentivo para um viver mais reflexivo e diverso em subjetividades. A escrita entra como possibilidade de um existir mais humano, à medida que, quem escreve (e quem lê) se envolve em narrativas internas e diversas, que criam outras visões de mundo, essenciais para a construção de culturas mais ricas de sentido.

O nome *Parede* surgiu após os nomes *Miscelânea* (do TCC) e *Mosaico* (do criativo), porque paredes são estruturas que, normalmente, remetem a sensações controversas: segurança e prisão; são erguidas, mas podem ser derrubadas; há paredes brancas ou decoradas com mosaicos, com pinturas, fotografias, etc., e como o ensaio requer uma estrutura pré-definida, mas, ao mesmo tempo, possibilita que sejamos criativos e façamos relatos em primeira pessoa, pensei que fazia sentido chamá-lo de parede.

A parte criativa começa antes da escrita dos textos, ela surge do meu interesse em ouvir as histórias que as pessoas têm a contar. Costumo dizer que tenho duas paixões: as pessoas e as palavras, e, que na falta da primeira, a outra encena muito bem. Para mim, a escrita e a leitura (nessa ordem) surgiram depois do profundo interesse nas relações com as pessoas. Eu nasci numa família enorme, cerca de 15 tios e tias e dezenas de primos para brincar; cresci achando mais interessante interagir com pessoas reais do que com personagens de livros. O exercício da escrita e o hábito da leitura surgiram em uma fase extrema e atipicamente solitária, mas, permaneceram. Hoje, a escrita e a literatura se misturam e se complementam ao mistério que o ser humano representa pra mim (mistério que me move).

Portanto, *Mosaico* é a mistura daquilo que mais me fascina: as pessoas e a escrita. É, também, o *start* na minha carreira como escritora, tendo em vista que esta é a primeira vez em que dedico mais tempo ao estudo de técnicas literárias e às suas aplicações.

Para a construção dos textos criativos, recorri a mais de uma teoria e prática de escrita criativa. A base das narrativas são as histórias que ouvi das pessoas, mas, elas não têm caráter de reportagem ou entrevistas, pois, foram relatos espontâneos, que aconteceram a partir da relação que estabelecemos — com exceção do texto *Ana e o mar*, em que, depois de nos conhecermos em um quilombo no interior do Rio Grande do Sul, a garota (que aqui chamo de Ana) me procurou por rede social, para me pedir que eu contasse a sua história através de uma narrativa; a partir disso, ela compartilhou o conteúdo que desejava que se tornasse um texto.

As falas diretas também não são literais, porque foram construídas a partir das minhas memórias e de anotações mais antigas (da época em que conheci as pessoas dos relatos) registradas em meu diário. Para tornar os relatos mais interessantes, me baseei nas aulas de Romance do professor Luiz Antonio de Assis Brasil, que ensinou a estruturar uma narrativa a partir de uma personagem, e daquilo que o professor chamava de “questão essencial” da personagem. Nesse sentido, procurei atribuir uma questão essencial a cada uma das pessoas, com base no meu julgamento psicológico e social daquilo que ouvi e observei. Os acontecimentos (esses verídicos) estão organizados em torno das questões essenciais de cada pessoa, que, por sua vez, não podem ser tomados como verdade, uma vez que as questões essenciais são interpretações minhas, o que torna *Mosaico* um conjunto de relatos reais ficcionalizados. As maiores referências para o criativo são, primeiro, a obra *A vida que ninguém vê*, da jornalista Eliane Brum (2006), seguido do livro *Dias e noites de amor e de guerra*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano (2016). Quase todas as histórias também têm um registro fotográfico do encontro com cada uma das pessoas que dão origem às personagens (com efeitos e recortes que preservam as suas identidades). É importante ressaltar que as fotografias foram consentidas e os nomes das pessoas foram trocados para a construção dos textos.

2 PAREDE

A inutilidade da velhice sob a perspectiva capitalista e a escrita como possibilidade de transformação dessa narrativa

A ideia do tema deste ensaio surgiu a partir de um anseio de tentar encontrar respostas e soluções para um medo: o medo da minha velhice. Antes de iniciar as pesquisas bibliográficas e a começar a escrever o ensaio, imaginava que seria possível a escrita nos proteger completamente dos estigmas impostos às pessoas velhas em nossa cultura. Naquele momento, o tema do ensaio surgiu como: “A inutilidade da velhice no utilitarismo ocidental e a escrita como forma de subversão dessa narrativa.”

No entanto, esse tema se sustentou apenas enquanto projeto, como uma idealização, porque, na prática, o que foi se revelando pouco a pouco é que nada poderia dar conta, completamente, dos sofrimentos típicos da velhice — que serão abordados ao longo deste texto. Por isso, as pesquisas e os pensamentos compartilhados neste ensaio não visam a uma solução universal, mas a buscar um caminho, uma possibilidade de a velhice ser mais bonita e fortalecida contra a estigmatização da pessoa idosa na era da produtividade.

Conheço pessoas idosas felizes e outras tristes, como há de ser também com as pessoas não idosas. Idosos que guiam seus valores a partir de alguma religião, encontrando respostas para a vida e a morte nas palavras de Deus — como foi com a minha avó —, idosos que ignoram sentenças sociais e até fisiológicas, trabalhando arduamente: carregam peso, sobem escadas e se machucam, também, como se fossem meninos a darem dor de cabeça de preocupação, não aos pais, mas aos filhos. O certo é que há muitos tipos de idosos: os que encontram na velhice a oportunidade de fazer as aulas de dança que não tinham tempo na juventude e os que se mantêm trabalhando até o último momento. E existem idosos tristes, refêns, na maior parte do tempo, da melancolia.

Meu avô é um desses idosos tristes. Acho que por muitas razões e culpas que, com certeza, me escapam o conhecimento e as hipóteses. Sei que ele já era um homem meio deprimido antes mesmo de se aposentar pela idade, mas, depois que parou de construir móveis, consertar máquinas, deu para dormir quase o dia inteiro, e, além disso, está praticamente surdo. Ele passa bastante tempo isolado das vozes do mundo, não faz mais armários, não conserta geladeiras, tampouco vai ao bar beber a cachaça que outrora

preenchia seus finais de semana. Mais doloroso do que testemunhar o que se tornou a vida do avô, é perceber meu pai tomando um rumo parecido. Como se destinos existissem, e ele tivesse herdado o dele, assim como herdou os olhos verdes, o cabelo abundante e o aniversário em maio: “Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo”, diria a personagem de Guimarães Rosa (1988, p. 37), em “A terceira margem do rio”.

Meu pai ainda trabalha — e tal qual o seu pai um dia foi — é um homem que não para de construir coisas e ser útil para as atividades manuais. Foi ele quem construiu cada canto das duas casas que morei na infância e adolescência. Foi ele quem montou e desmontou várias vezes o roupeiro produzido pelo meu avô especialmente para mim; roupeiro forte, que aguentou algumas mudanças, incluindo a última, quando saí de casa. Agora o roupeiro está torto e guenzo, no canto do quarto. Não porque é de má qualidade, mas porque não existem manuais de roupeiros criados por avós, e, principalmente, porque eu não herdei o gosto e a habilidade com móveis.

Pai e filho conseguem pensar projetos e executá-los perfeitamente, mesmo sem nunca terem cursado engenharia ou arquitetura. Penso que eles têm um caminho encurtado entre o lugarzinho do cérebro que idealiza projetos e as mãos. Meu pai costuma dizer que acha bonito gente que nasceu para tocar violão. Para ele, as pessoas nascem com um dom: ou são artistas, são intelectuais, ou, como é o caso dele, são boas em construir e consertar coisas. É com base nessa crença que ele não acha que pode ser um desses violeiros que tanto admira. De segunda a sábado, ele exerce seu *dom* no trabalho remunerado e em casa, mas, quando chega o domingo e o corpo pede descanso, ele dorme. Não lê (diz não ver graça nos livros), não assiste a muitos filmes ou vai ao teatro. Não se arrisca a exercitar outras partes do cérebro e coloca a alma para dormir quase que a folga inteira.

Talvez seja para compensar a época em que era acordado antes do sol, junto do irmão, para irem trabalhar com o avô numa fábrica. Essa história sempre vem à tona nas conversas dos almoços de família: o alemão marrento, com apenas 12 anos, que resmungava desde a hora de acordar à hora do ofício. Ele chupando dedo, o trajeto todo, até ter de tirá-lo da boca para pegar em ferramentas. Esse gosto pela cama e o travesseiro eu herdei demasiado.

Minha mãe conta que costumava ir toda hora ao berço conferir minha respiração porque eu dormia profundamente, e por horas, como nenhum dos outros bebês da família.

Cresci e continuei dormindo muito. Lembro-me de uma amiga, já na adolescência, que dizia: “um dia a Fernanda vai acordar e o mundo vai ter acabado enquanto ela estava dormindo”. Outro hábito que herdei de meu pai foi a indisposição para os livros. Faz pouquíssimo tempo que reneguei esse destino e fui aprendendo a sonhar acordada entre as palavras.

O que me fez mudar o rumo e procurar os livros foi — além da necessidade de adquirir maior repertório para a escrita — o primeiro hábito: o de dormir exageradamente sempre que encontrava uma brecha entre uma obrigação e outra. Na transição da adolescência para a fase adulta, me dei conta de que dormia para fugir de angústias, incluindo a angústia do tédio. Então, tive medo de me tornar uma adulta sem *hobbies*, receio de nunca aprender a ficar acordada no ócio. Medo de, num final de domingo qualquer, acordar quase na hora de dormir novamente e perceber que sonhei sem agir por domingos demais, assim como meu avô e meu pai.

Não os culpo por não terem me deixado de herança o gosto pela literatura ou por qualquer outro formato de arte; ambos são filhos de seus tempos, em que homens pobres costumavam nascer predestinados para trabalhar e sustentar a família. Assim como meu avô e meu pai, eu também sou filha do meu tempo: vivo sob o mesmo sistema econômico capitalista, de valorização do consumo e da produtividade, numa cultura globalizada e complexa, cada vez mais influenciada pelos avanços tecnológicos e as suas consequências nas relações humanas.

Como mulher, jovem adulta, estudante e trabalhadora, vivencio e me afeto com a era da produtividade e da performance. Sinto-me cobrada por mim mesma e pelo meio em que vivo a performar ótimos resultados no trabalho, nas universidades que ocupo, nos relacionamentos e nas redes sociais. No entanto, também entendo que, por ainda ser jovem, branca, ter algum poder aquisitivo e acesso à educação de qualidade, me benefico de determinados valores dessa cultura.

O acesso à universidade, inclusive, me possibilitou compreender que é necessário indagar nossas tendências coletivas. Entendo que o questionamento que exponho neste ensaio é fruto da educação superior, em cujo lugar meus pais e avós nunca tiveram presentes. Nesse sentido, sinto-me privilegiada e responsável por pesquisar e refletir sobre questões sociais que nos assolam e nos adoecem. Existo num sistema econômico que valoriza e incentiva a produtividade e o consumismo, no qual a base da subjetividade

humana é construída a partir desses valores, e outros, correlatos, como a *ode* à juventude e a estigmatização da velhice.

Sendo mulher, sou afetada pessoalmente pela cultura de antienvelhecimento. Desde sempre parece que minha mãe e minhas tias se juntam ao final do almoço em família para comprarem cremes antissinais, enquanto os homens riem em volta da churrasqueira, falando de quaisquer outras amenidades, sem o peso de terem de lidar com as rugas e os cabelos brancos. Acaba que mulheres costumam aprender, desde cedo, dentro e fora de casa, que ser mulher dá muito trabalho. Naomi Wolf (2019), em *O mito da beleza: como imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, explica como a cultura da beleza prejudica o crescimento psíquico, profissional e econômico das mulheres. Mais especificamente no subcapítulo “A seita do medo de envelhecer”, a autora revela as manobras de *marketing* usadas pelas empresas de produtos rejuvenescedores, ao anunciar produtos “milagrosos”, que, na verdade, não funcionam, primeiro porque o envelhecimento é implacável, segundo, porque, mesmo que alguns produtos pudessem retardar o envelhecimento da pele, não é interessante para essas marcas criarem produtos realmente eficazes, já que o intuito é fazer com que as mulheres continuem comprando. Nas palavras de Naomi Wolf (2019, p. 168):

É claro que as mulheres deveriam ser livres para comprar aquilo que desejem. No entanto, se vamos gastar nosso dinheiro ganho com tanto esforço, esses supérfluos deveriam cumprir suas promessas, não simplesmente explorar nossas culpas. Ninguém leva a sério essa fraude porque a alternativa é a verdadeira ameaça social: a de que as mulheres primeiro aceitarão seu envelhecimento, depois irão admirá-lo e finalmente irão aproveitá-lo. O desperdício do dinheiro das mulheres é o dano calculável; mas o mal causado às mulheres por essa fraude através da transmissão do medo de envelhecer é incalculável.

A indústria da beleza se beneficia e estimula a nossa inabilidade coletiva em lidar com o envelhecimento, porque é um mercado lucrativo. As mulheres acabam sendo diretamente as mais prejudicadas, mas a mentalidade por trás do nosso medo de envelhecer é fruto de um sintoma compartilhado entre todos os gêneros. E esse é um sintoma que acredito estar atrelado, entre muitos outros fatores, à nossa incapacidade de lidar com a morte, o mistério da existência, o vazio e, pontualmente, com as pausas.

Imersos em um ritmo de produtividade e consumismo que aliena desejos e anula o espaço para a reflexão e a contemplação da vida, estamos adoecendo. As consequências desse estilo de vida acelerado são sentidas por todos, mas em diferentes níveis, a depender

de fatores socioeconômicos, recortes de raça, gênero e sexualidade. Acredito que carecemos de outros ritmos, como o da escrita.

O tempo da escrita de um texto, um diário ou livro é diferente para cada pessoa. É um processo íntimo, de abstração e concretude — na medida em que as ideias são traduzidas em palavras — de tal forma que, escrevendo, intuo ser possível estabelecer outra relação com o tempo. Também com a vida e a morte, contribuindo para uma subjetividade que não se aposenta.

De acordo com o artigo publicado pela na *Revista Médica de Minas Gerais*, intitulado “Características biológicas e psicológicas do envelhecimento”, de autoria de Edgar Nunes de Moraes, Flávia Lanna de Moraes, Simone de Paula Pessoa Lima, especialistas em geriatria, o envelhecimento é dividido em biológico e psíquico. Ou seja: “O envelhecimento biológico é implacável, ativo e irreversível, causando mais vulnerabilidade do organismo às agressões externas e internas” (NUNES DE MORAES; MORAES; PESSOA LIMA, 2010, p. 68). Se trata de um processo multifatorial, dependendo de programação genética e mudanças molecular-celulares. O processo de envelhecimento é chamado de senescência, e ocorre de forma sutil ao longo da vida. Assim, como afirmam os pesquisadores:

Esse processo não pode ser considerado doença. Em condições basais, o idoso não apresenta alterações no funcionamento ao ser comparado com o jovem. A diferença manifesta-se nas situações nas quais se torna necessária a utilização das reservas homeostáticas, que, no idoso, são mais fracas. Além disso, todos os órgãos ou sistemas envelhecem de forma diferenciada, tornando a variabilidade cada vez maior. (NUNES DE MORAES; MORAES; PESSOA LIMA, 2010, p 68)

Portanto, além de ser um processo natural, o envelhecimento contribui para a variabilidade genética. Em relação ao envelhecimento mental, estudos recentes da psicologia e da medicina mostram não ser comum alterações na funcionalidade psíquica do idoso, o que significa que pessoas idosas saudáveis podem ser bastante produtivas. Nesse sentido: “O conhecimento sobre o envelhecimento neuropsicológico ajuda a fundamentar as mudanças exigidas pela sociedade para que os idosos sejam adequadamente valorizados em nosso meio” (NUNES DE MORAES; MORAES; PESSOA LIMA, 2010, p. 68-9).

Os temas da velhice e da morte se fundem em algum ponto do imaginário de muitas culturas do passado e do presente. Não por acaso, já que é nessa fase que, naturalmente, começamos a nos despedir da vida. No entanto, a velhice é um estágio da existência, com suas particularidades e mistérios, não devendo ser encarada como se fosse

a morte ainda em vida. Sob os preceitos do capitalismo, a velhice, sobretudo no mundo ocidental, ocupa um lugar estigmatizado, na medida em que, para o capitalismo, um dos principais valores culturais está atrelado à produtividade das pessoas jovens, enquanto a velhice costuma estar cercada pelo estigma da improdutividade e, portanto, ocupa muito facilmente um lugar de desvalor, um não lugar na manutenção do sistema econômico.

O não lugar da pessoa idosa não é uma exclusividade contemporânea. Em diferentes culturas, entre caçadores e coletores, nômades, no oriente, do presente e também do passado (passado aqui visto pelas minhas lentes de existência), o destino do ancião foi (e continua sendo) complexo, dependentemente das crenças espirituais do seu grupo, das relações hierárquicas com os filhos, e, nas palavras de Beauvoir, em *A velhice* (2018, *e-book*): “em grande parte de suas capacidades, do prestígio e das riquezas que essas capacidades lhes proporcionaram.”

Publicado em 1970, fruto de um longo trabalho da autora francesa, esse estudo de natureza também bibliográfica conta como em muitas culturas as pessoas idosas são valorizadas pelas suas experiências e são consideradas mantenedoras das tradições do grupo. Isso ocorria com os hotentotes, seminômades do continente africano, em que os idosos eram valorizados pelos seus conhecimentos acumulados, partícipes da iniciação de jovens e das decisões do conselho, para assim ajudar a manter a coesão da comunidade. Entretanto, o respeito e a consideração não era o mesmo, se lhes faltavam a saúde física ou mental, como explica Beauvoir (2018). Nesses casos, nas palavras da filósofa francesa: “Pelo menos até o século passado, seus filhos reivindicavam o direito de livrar-se deles e eram sempre autorizados a fazê-lo” (BEAUVOIR, 2018, *e-book*).

Para outras culturas, Beauvoir (2018) explica como, mesmo em condições miseráveis, de pouca comida, as pessoas idosas são respeitadas e acolhidas por seus filhos. A autora cita o exemplo dos yahgans, situados na costa da Terra do Fogo, que eram conhecidos como um povo bastante primitivo: não possuíam utensílios de cozinha, cerâmica nem anzóis; também não havia qualquer organização hierárquica, sequer praticavam cerimônias religiosas, mas a relação familiar era considerada muito terna, nas quais pais e filhos mantinham relações de amor e cuidado, passadas de geração em geração. Em determinados grupos, o idoso ganha caráter de quase espírito: é considerado um ser que age entre a vida e a morte, e, por essa razão, é muito temido. Beauvoir (2018, *e-book*) explica a razão: “Com efeito, eles estão, de certo modo, além da condição humana, e imunizados contra os poderes sobrenaturais que a ameaçam”.

Da leitura feita desse ensaio, me chama a atenção também um relato específico. Os arandas — caçadores coletores das florestas australianas — citados por Beauvoir (2018), na década de 1970, haviam estabelecido uma gerontocracia antes da chegada dos missionários, por conta de sua sabedoria prática e espiritual. Eles eram considerados valiosos para o seu grupo, pois haviam adquirido habilidades de sobrevivência na mata, durante muitos anos, sob variadas circunstâncias; eram os mais velhos que indicavam os melhores alimentos e como encontrar águas ocultas. Além disso, os homens idosos detinham as tradições sagradas: os cantos, mitos, cerimônias e costumes tribais, o que lhes garantia um imenso poder. Dessa forma, quanto mais velhos fossem os arandas, mais poder detinham, podendo até mesmo tyrannizar os mais jovens, privando-os de alimentos.

Em sociedades tecnicamente mais desenvolvidas, a tendência é que não haja consenso sobre crenças em espíritos, fantasmas e os idosos percam seu poder “sobrenatural”. De acordo com Beauvoir (2018), um fator comum entre as culturas é que o estatuto do idoso não é uma conquista das pessoas velhas, mas uma imposição dos mais jovens. Para a autora, em menor ou maior grau, a velhice acontece em submissão à juventude.

Na atualidade, em países como o Brasil, idoso é toda pessoa com mais de sessenta anos. A Lei do Estatuto da Pessoa Idosa¹ é bastante completa, visando garantir o bem-estar físico, psíquico e social na velhice, por meio de práticas que envolvem as organizações públicas, privadas e responsabiliza todos os cidadãos no cuidado e na inclusão das pessoas idosas na sociedade. Sem dúvida, os dispositivos da lei ajudam a manter a dignidade na velhice e são indispensáveis para o país.

De toda forma, os valores capitalistas de supervalorização da produtividade de adultos e a consequente estigmatização da pessoa idosa enfraquecem os objetivos da lei. Provavelmente, toda pessoa idosa já sofreu ou sofrerá etarismo² em algum momento, mesmo que não tenha consciência. O preconceito com pessoas idosas existe, assim como existe o racismo, a xenofobia, a homofobia e a desigualdade social provocada pelo acúmulo de poder de uns em detrimento da miséria de muitos.

Em *Sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han (2015a) descreve como a cultura da produtividade opera sobre as pessoas, colocando-as na condição de vigilantes de si

¹ Para mais informação, ver: PLANALTO. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 13 maio 2023.

² Definição de etarismo: discriminação e preconceito baseado na idade, geralmente das gerações mais novas em relação às mais velhas; idadismo. **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/etarismo>. Acesso em 30 maio 2023.

próprias para alcançarem o alto rendimento em todas as esferas da vida. Na lógica neoliberal, parece ser necessário performar um alto rendimento em tudo: desde a carreira até como aproveitamos o tempo livre (afinal de contas, seguindo essa lógica, o ócio deve ser criativo). Entretanto, essas convenções são parte do universo dos adultos em condições de exercerem trabalho remunerado; crianças e idosos ficam de fora, com a diferença de que as crianças representam o futuro, os próximos indivíduos a fazerem o mundo girar, enquanto os idosos passam a ser tidos como improdutivos e considerados uma despesa para o estado (muitas vezes também para a família), como venho dissertando neste ensaio.

Uma das consequências desse funcionamento social é o adoecimento psíquico. Não tenho medo de ser taxativa: todos acabam sofrendo as consequências de uma cultura centrada na capitalização das pessoas. Vivemos em uma cultura narcisista, na qual as pessoas almejam um sucesso, quase sempre, atrelado aos ganhos materiais e às posições de poder. No curta-metragem *Byung-Chul Han: sociedade do cansaço* (2015b), o filósofo, autor do livro que dá nome ao documentário, explica a depressão com uma visão filosófica:

Vivemos em uma sociedade cada vez mais narcisista. As pessoas investem sua libido principalmente em sua própria subjetividade. O sujeito narcisista não consegue definir claramente seus próprios limites; o mundo aparece como uma sombra de si mesmo. As fronteiras entre eles e os outros são, portanto, confusas. Eles são incapazes de reconhecer e aceitar os outros em sua alteridade. A depressão é uma doença narcisista. Eros e depressão são opostos um ao outro. Eros arranca o sujeito de si para o outro. A depressão, ao contrário, faz com que o sujeito desmorone em si mesmo. (HAN, 2023)

O pacto narcisista, que cada um faz consigo, também é efetivado entre os pares, como explica Han (2015). Embora o nosso funcionamento econômico-social alimente uma cultura extremamente individualista, ainda é necessário que ela seja validada e mantida em conjunto. No entanto, como o centro da produtividade é o capital, as relações de poder e o trabalho, as pessoas idosas, quando não podem ou não têm espaço e oportunidades para performarem um alto rendimento, não são consideradas mais parte ativa do sistema. Nas últimas décadas, também presenciamos o salto na expectativa de vida, e atribuo influência desse fenômeno no conceito de não lugar da pessoa idosa na sociedade atual, por refletir que estamos pouco acostumados a sobreviver por mais de cinquenta, setenta anos.

Numa sociedade organizada, em que os papéis sociais são bem designados, é esperado que haja atividades coerentes para as pessoas idosas executarem. Mas isso

raramente acontece em nossa cultura: normalmente, os pobres continuam trabalhando até morrerem por uma questão de sobrevivência, e os ricos, mesmo que privilegiados em muitos aspectos, não raras vezes acabam perdendo autonomia e influência, sendo submetidos às decisões de seus filhos e netos ou achegados.

Para a transformação da cultura dominante, que estigmatiza a velhice, se faz necessária a criação de novas narrativas, que extrapolem a narrativa comum; das mais variadas, que revelam outros jeitos existir. Acredito que seja necessário pensar em narrativas que nos aproximam da morte como parte natural do ciclo da natureza, tornando a vida humana mais diversa, como é a vida de uma floresta preservada. Quando falo de narrativas, parto do princípio da escrita, mas narrativa também é a forma como nos envolvemos com o mundo a nossa volta: o peso que damos às relações, aos nossos sonhos, e quais linguagens escolhemos para traduzir nossas existências.

Por haver uma cultura dominante, facilmente é possível esquecer que há outras formas de narrar a vida. Isso fica evidente quando comparamos a maneira como povos indígenas interagem com o restante da natureza (se colocando como parte dela), e, como nós, não indígenas, nos colocamos aquém da natureza, como se o Planeta Terra e os humanos fossem organismos separados. Ailton Krenak (2020, p. 46), em *A vida não é útil*, diz:

Alguns povos têm o entendimento de que nossos corpos estão relacionados com tudo o que é vida, que os ciclos da Terra são também os ciclos dos nossos corpos. Observamos a terra, o céu, e sentimos que não estamos dissociados de outros seres. O meu povo, assim como outros parentes, tem essa tradição de suspender o céu. Quando ele fica muito perto da terra, há um tipo de humanidade que, por suas experiências culturais, sente essa pressão. Ela é sazonal, aqui nos trópicos essa proximidade se dá na entrada da primavera.

Krenak (2020) aborda uma visão indígena da relação dos corpos humanos com a primavera. É uma forma distinta, claro, da que estamos acostumados, de interpretar e relacionar os nossos corpos (humanos) e o corpo da Terra. A minha intenção, a partir da fala do autor, é de evidenciar que é possível criarmos diferentes narrativas de existência, histórias que não sigam os valores neoliberais, que nos classifica entre produtivos, improdutivos, e a esses termos, por pessoas de sucesso ou fracassadas. Portanto, se o capitalismo constrói boa parte da nossa subjetividade com base nos valores citados acima, em contrapartida, a arte — neste ensaio, especificamente, a arte da escrita — é uma

ferramenta de subversão³, em que a pessoa que escreve abre um sulco na cultura dominante, um sulco que permite criar imagens de existência.

Gilles Deleuze (2006, p. 14), em *Crítica e clínica*, explica que o papel da literatura e da escrita: “consiste em inventar um povo que falta. Compete à função fabuladora inventar um povo”. Para o filósofo francês, quem escreve tem o ofício de olhar entre as palavras, de olhar para o que está fora do léxico estabelecido, dando voz a algo que existe para além do que já é difundido pela cultura, não a fim de explicar e chegar a conclusões práticas, mas de criar, de descobrir aquilo que paira o delírio coletivo, mas está oculto. A palavra, então, é um caminho para chegar ao lado de fora da história normalmente contada.

Escrever não costuma ser considerada uma necessidade primária, como se alimentar, dormir, beber água e tomar sol. Mas, para uma vida digna, digo que o vital está além das necessidades básicas de sobrevivência. Para o professor e autor Nuccio Ordine (2016), em seu livro *A utilidade do inútil: um manifesto*, se continuarmos a ignorar a beleza e a importância das coisas tidas como inúteis, a humanidade se verá perdida no sentido da existência. Como diz textualmente:

Nada do que é belo é indispensável à vida. Se as flores fossem eliminadas, o mundo não seria materialmente afetado; mas quem gostaria que não houvesse mais flores? Com todo prazer, eu renunciaria antes às batatas que às rosas, e acredito que somente um utilitarista poderia ser capaz de destruir um canteiro de tulipas para plantar repolhos. (ORDINE, 2016, p. 47)

As flores são muito importantes para o equilíbrio do ecossistema, para a sobrevivência de insetos polinizadores e para a variabilidade genética das plantas. Mas, aparentemente, a sobrevivência das outras espécies não é uma prioridade no capitalismo: eu percebo que estamos destruindo o nosso planeta para manter um padrão de vida ecologicamente insustentável e muito precário no que considero essencial para o ser humano. Uma das grandes carências de países como o Brasil, no meu modo de ver, é a falta de incentivo à cultura e às áreas da educação e do desenvolvimento humano que promovem o pensamento crítico e reflexivo — fundamentais para uma construção subjetiva mais consciente de si e do outro.

³ Não gosto de atribuir um valor fatalista, como o da subversão, para a atividade da escrita, mas acho que, para os objetivos deste ensaio, se faz necessário uma afirmação mais radical em algum momento.

Ordine (2016) fala sobre a profissionalização das universidades, um processo de educação liberal, que objetiva quantificar o aprendizado universitário. Ele lamenta o desaparecimento progressivo de cursos de línguas antigas, como o latim, que têm sido menos procuradas pelos alunos, por aparentemente não verem sentido em aprender um idioma que não pode servir de moeda de troca no mercado de trabalho. O abandono de línguas antigas leva consigo a história e a cultura de povos. Todos perdemos: se extingue um jeito único de usar a língua, os dentes, o céu da boca para a pronúncia das palavras do idioma, e o ser humano se torna culturalmente mais pobre porque está em busca do que é mais “útil”.

Manoel de Barros foi o poeta das coisas inúteis. O brasileiro, autor do *Livro sobre nada* (publicado em 1996), entre muitos outros, colocou palavras em pássaros e no chão da rua, ampliando a visão sobre as paisagens comuns e expandindo o objeto poético: “O que eu queria era fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas *desúteis*. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora” (DE BARROS, 2016, *e-book*). Ao escrever sobre as coisas sem importância, distribuindo novos papéis para os animais, paisagens e objetos, Manoel de Barros (2016) dialoga, a meu ver, com o que Deleuze (2006, p. 15) defende, ao falar sobre a criação de um “devir-outro da língua, uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta, uma linha de feitiço que foge ao sistema dominante”. Esse tipo de escrita, que delira com o léxico, proporciona novas imagens, sons e percepções de mundo.

No documentário *Só dez por cento é mentira*, dirigido por Pedro Cezar, de 2010, Manoel de Barros (2023) diz que: “A invenção serve para aumentar o mundo”. A poesia dele é uma lente de aumentar os sentidos tão surpreendente, mas, ainda sim, simples no que diz respeito aos objetos poéticos: acessíveis aos olhos. O poeta mato-grossense nos mostra como enxergar o mundo de vários pontos de vista, inclusive de animais irracionais e paisagens, o que causa uma ruptura na visão a que estamos acostumados, sendo esse um dos papéis da literatura, e, também da escrita. Para Abílio de Barros, em sua percepção, o irmão era um poeta em tempo integral, que se dedicava diariamente às palavras, era um homem com olhar treinado para transformar as coisas em poesia e para dar poesia às coisas. A trajetória de uma vida entre as palavras fez com que se tornasse um homem que escreveu até a morte. Na sua “quarta infância⁴”, foi mais produtivo do que nunca,

⁴ No documentário, o narrador separa as fases da vida de Manoel de Barros em primeira, segunda, terceira e quarta infância. A quarta foi iniciada aos 80 anos.

publicando cerca de 13 livros, o último que se tem notícias se chama *Portas de Pedro Viana*, e foi publicado um ano antes de seu falecimento aos 97 anos.

Embora Manoel de Barros nunca tenha declarado essa intenção, me valho da sua poesia para a construção do meu pensamento. Ao dizer que “O meu quintal é maior do que o mundo”, o autor poderia estar contrapondo um dos aspectos culturais da sociedade capitalista, que é o de pôr o ser humano em perspectiva global: de interesses, que estão, historicamente, aglutinados nos grandes centros econômicos. Em contrapartida, ele deslocou o sentido de importância, colocando-o próximo ao real, ao que está embaixo dos pés, normalmente desmerecido.

Deleuze (2006) não incentiva a escrita que parte dos delírios pessoais de “pai-mãe”, amparados na estrutura edipiana. Para o autor, essa é uma literatura infantilizada e limitada, ou seja: “Escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas” (DELEUZE, p. 12). No contexto deste ensaio, porém, a escrita como forma de elaborar a própria existência, especialmente o processo de envelhecimento, também é considerada valiosa e transformadora no âmbito pessoal, e, quem sabe, coletivo.

Durante a pesquisa para este ensaio, recebi o relato da escritora e colega Maria Luísa Estima (2023), que compartilhou um pouco da própria experiência com a relação entre menopausa e escrita. Para as mulheres com útero, a idade avança a doses hormonais intensas; e não bastassem as mudanças internas, a sociedade cobra da mulher uma feminilidade para sempre sem rugas, conforme abordado no início do ensaio, a partir dos estudos de Naomi Wolf (2019). Nas palavras de Maria Luísa:

— O dia em que comecei a notar que eu não era mais a mesma garota de 49 anos foi quando fiz 50 e não consegui me agachar na cozinha sem me apoiar em algo [...]. Talvez não tenha sido uma marcha tão fulminante o jeito como tudo aconteceu. Uma corrida? Sabe uma caminhada que termina em um abismo? Eu despenquei naquele dia em que não pude me agachar. E que notei minha pele, que nunca havia sido seca, parecendo o sertão agreste do Jorge Amado, mas sem a Gabriela e aquela disposição toda! Com pena de mim, de novo quis chorar. (ESTIMA, 2023)

Hoje, aos 61 anos, ela é estudante de Escrita Criativa:

— A Escrita, para mim, se tornou o canal onde posso desaguar a incontente imaginação com quem compartilho os compromissos, a vida e as responsabilidades. Sobre as coisas reais, a minha imaginação incontável se joga para me divertir, me fazer refletir, me fazer sofrer também. Concluo que, se eu não aprendi, pelo menos que a vida acontece tudo junto ao mesmo tempo e em todo lugar, tenho que voltar todas as casas nesse jogo e vou parar lá, antes da menopausa, a quem pretendo nunca mais reencontrar! (ESTIMA, 2023)

Ao usar a escrita como deságue de emoções, desejos, memórias e fantasias, Maria Luísa elabora sua subjetividade, dando-lhe contornos e significados que enriquecem suas experiências. A escrita de diários, por exemplo, costuma ter esse poder terapêutico, de nos ajudar a criar narrativas com o nosso complexo mundo psíquico. E, no momento em que ela decide compartilhar suas palavras, esse deságue, então, pode virar um rio, que percorre e nutre outras subjetividades.

Cora Coralina foi um exemplo de autora que transformou suas memórias em poesia. No livro *Poemas de Becos de Goiás e Estórias mais*, ela abre esta ressalva a respeito do conteúdo da obra:

Ressalva

— Este livro foi escrito
por uma mulher
que no tarde da Vida
recria e poetiza sua própria
Vida.
Este livro
foi escrito por uma mulher
que fez a escalada da
Montanha da Vida
removendo pedras
e plantando flores.
Este livro:
Versos... Não
Poesia... Não.
Um modo diferente de contar velhas estórias.

(CORALINA, 2014, *e-book*)

A obra *Poemas de Becos de Goiás e Estórias Mais* é um passeio pelas memórias de infância da autora e da forma como ela interagiu e enxergava o seu entorno; o que mais me chamou atenção ao ler o livro, é a capacidade de observação de Cora Coralina, e como ela transformou suas percepções em poesia, com uma escrita potente e, na mesma medida, acessível. Transcrevo um trecho de um dos poemas do livro que considero ilustrar a sensibilidade da autora com as paisagens e personalidades do seu entorno, e o quanto ela mesma se enxergava constituída dele:

Todas as vidas

— Vive dentro de mim
 Uma cabocla velha
 De mau-olhado,
 Acocorada ao pé do borralho,
 Olhando para o fogo.
 Benze quebranto.
 Bota feitiço...
 Ogum. Orixá.
 Macumba, terreiro.
 Ogã, pai de santo...
 Vive dentro de mim
 A lavadeira do Rio Vermelho.
 Seu cheiro gostoso
 D'água e sabão.
 Rodilha de pano.
 Trouxa de roupa,
 Pedra de anil.
 Sua coroa verde de são-caetano.
 Vive dentro de mim
 A mulher cozinheira.
 [...]
 Vive dentro de mim
 a mulher do povo.
 Bem proletária.
 Bem linguaruda,
 desabusada,
 sem preconceitos,
 de casca-grossa,
 de chinelinha,
 e filharada.
 Vive dentro de mim
 a mulher roceira.
 -Enxerto de terra,
 Trabalhadeira.
 Madrugadeira.
 Analfabeta.
 De pé no chão [...].

(CORALINA, 2014, *e-book*)

Nesse poema, a poeta cria imagens da relação entre os objetos e as pessoas comuns do seu entorno — que, por sua vez, nos dá dimensão histórica e social de como era Goiás na época em que Cora Coralina escreveu o poema — e o quanto esses objetos e pessoas a constituíam, criando uma sensação de unicidade entre ela e o ambiente.

Para este trabalho de pesquisa, me atento à pessoa Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina), para além de sua poesia; pois, para mim, ela é um símbolo de mulher que usou as palavras para atravessar o tempo e transgredir estigmas sociais. Explico. A poeta nasceu ainda no século XIX, um ano após a Lei Áurea, estudou apenas

os primeiros anos de escola, casou-se e teve seis filhos. Ao enviuvar, se tornou doceira — há relatos de que muito de seus textos eram escritos em meio aos preparos dos doces — e publicou o primeiro livro em 1965, aos 76 anos. Em 1986,

[...] recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Goiás. No ano seguinte, foi a vencedora do concurso Intelectual do Ano do Troféu Juca Pato, tornando-se a primeira mulher a receber tal honraria. Em 1984, foi eleita Símbolo da Mulher Trabalhadora Rural pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO). (GLOBAL, 2023)

Finalizo a breve análise sobre o legado de Cora Coralina, refletindo que ela, “mulher de outros tempos” — ainda mais rígidos com a liberdade e escassos com a representatividade feminina — se permitiu publicar um livro aos 76 anos, e eu (e tantas outras mulheres e homens), nos martirizamos por não termos publicado nada antes dos 30. Quando Ana Lins publicou a sua obra inicial, eu nem era nascida; e, hoje, 58 anos mais tarde, por causa dela, me sinto mais tranquila e encorajada a publicar livros, ou fazer qualquer outra coisa pela primeira vez, no meu próprio tempo.

Seja a literatura que delira com o léxico, inventando jeitos inéditos de enxergar e interagir com o mundo, como a poesia de Manoel de Barros; seja a escrita de deságue de emoções como conta a colega Maria Luiza Estima; ou ainda, Cara Coralina (2014), em seu “modo diferente de contar velhas estórias”, o exercício de escrever requer da pessoa que escreve um olhar atento para fora e para dentro de si. Requer interesse pela vida, em descobri-la e inventá-la por meio das palavras.

Esse processo estimula o autoconhecimento, que, por sua vez, é essencial para a construção do bem-estar de qualquer pessoa. O escritor e professor Luiz Antonio de Assis Brasil (2023), em um relato de apoio a este trabalho, disse:

— O bem-estar é adquirido quando temos conhecimento das circunstâncias da vida; é o primeiro passo para uma paz construtiva — e quem nos dá isso, por excelência, é a literatura e, em especial, a prática da escrita. Escrevendo, abrimos espaços para o autoconhecimento, a base de tudo. Quando eu crio uma personagem, na verdade eu crio a mim mesmo, ao usar uma parte de mim mesmo. Um processo fascinante.

Concordo com o professor Assis Brasil: o autoconhecimento é a base de tudo; e acrescento que a prática da escrita estimula a criatividade, que é crucial para ampliarmos nossa imaginação e as ferramentas psíquicas que dispomos para lidar com os desafios e aproveitarmos as possibilidades. Acredito que, uma pessoa criativamente mais ativa,

dispõe de maior repertório interior para lidar com todas as questões do processo de envelhecer, por exemplo.

Pela minha experiência, desde quando comecei a escrever e ler com mais dedicação, sinto como se estivesse mais ligada à vida, atenta aos detalhes dos dias, à passagem do tempo e às pessoas com as quais me relaciono. Os sentidos se tornaram mais aflorados e o corpo menos letárgico, talvez pelas sinapses que a escrita e a literatura estimulam. O certo é que as palavras me seguram à vida. Quem sabe, se meu avô tivesse aprendido a gostar de literatura, ou se tivesse se tornado um pintor, um entusiasta do teatro, pudesse ver sentido em permanecer de olhos abertos mais do que de olhos fechados.

Volto aos ensinamentos de Assis Brasil (2023), que também refletiu sobre sua preparação para a velhice: “Preparar-se para a velhice é o primeiro gesto da pessoa sensata. Que a velhice não seja uma surpresa. Não podemos improvisar a nossa velhice. Caso contrário, o resultado será desapontamento e amargura”. Infelizmente, em uma cultura que marginaliza pessoas idosas, os jovens quase sempre têm dificuldades em se projetar à terceira idade. De maneira geral, não querem nem pensar na velhice; ao contrário, gastam mais tempo e energia tentando adiá-la ao máximo. Valendo-me da fala do professor Assis Brasil (2023), essa evitação corrobora para experiências confusas e provavelmente mais tristes à chegada do envelhecimento.

Ana Claudia Quintana Arantes (2019) é uma médica geriátrica, autora do livro *A morte é um dia que vale à pena viver* (entre outros títulos), que, em seu trabalho, lida com idosos que chegam até ela extremamente fragilizados pelas suas doenças em estado terminal. O trabalho de Arantes consiste em fazer um acompanhamento paliativo com esses idosos, tendo em vista a impossibilidade de regressão de suas doenças. Em entrevista à Isabela Teixeira da Costa, para o *Estado de Minas*, Arantes (2023a) explica o que é o trabalho paliativo:

— Nesse trabalho, todos os recursos diagnósticos e terapêuticos disponíveis são utilizados como amplo suporte à qualidade de vida do paciente e de sua família para que acessem o momento vivenciado com sentido, conforto, valor e significado. O objetivo é dar alívio, prevenir o sofrimento, para viver a vida em plenitude até seu último instante.

O trabalho da geriatra é, essencialmente, garantir dignidade aos seus pacientes até o último momento. Em sua fala no TEDx, em 2012, ela relata o quanto eles se preparam meses para consultas que duram cerca de quinze minutos, e como todo minuto é valioso,

pois esses idosos não têm tempo a perder (ARANTES, 2023b). Para ela, o profissional deve olhar e ouvir cada paciente em sua unicidade, pois, é dessa forma que eles se sentem validados e acolhidos, e passam a acreditar que o tratamento, mesmo que paliativo, vale à pena.

Percebo que a literatura e a escrita têm papel importante no reconhecimento do outro, na medida em que, as duas artes nos sensibilizam para a diversidade de jeitos de existir e de sentir a vida. Assis Brasil (2023) compartilhou como a literatura foi essencial nesse ponto: “Pessoalmente, foi a literatura que me abriu os olhos ao conhecimento do outro, essa arte indispensável a uma vida plena. Só vim a saber que o outro existia com a leitura de obras ficcionais e poéticas, e isso foi decisivo para que eu me constituísse como ser humano”.

O conhecimento sobre quem (e de quem) está fora é tão essencial quanto o conhecimento de quem (e do quê) está dentro. Amadurecemos, na medida em que há reconhecimento sobre os desejos e as dores das outras pessoas. Nesse sentido, a Escrita Criativa é um belo exemplo: nos dois anos e meio de curso, escrever — processo que eu considerava solitário — se mostrou, também, um movimento coletivo, em que pude conhecer meus colegas através de seus textos, e transformar a minha escrita através da escrita deles. Arrisco a dizer que o encontro com o outro, a partir do que ele escreve, é uma das formas mais íntimas de descobri-lo.

Quando me matriculei no curso, tinha dois objetivos: o primeiro, era aprimorar a minha escrita. Sem muitas ambições e expectativas, só queria explorar a minha tímida facilidade em criar textos bonitinhos de feliz aniversário. A segunda razão não era clara, era só um incômodo, estava bastante (e talvez continue) inconsciente. Era a necessidade de estreitar a relação com as palavras para me salvar de uma vida vazia, solitária, vulgar. Tudo junto, assim mesmo. Porque intuía que as palavras me dariam algo profundamente meu, que me ultrapassasse, e eu pudesse me agarrar quando todo o resto fosse embora. Minha ânsia era escrever uma identidade para além da que eu conhecia através das relações de: Fernanda filha, Fernanda irmã, prima, amiga, namorada.

No início da fase adulta, eu vinha numa constante confusão mental sobre quem eu era e quem eu gostaria (e poderia) ser. Também havia o medo do abandono, que nessa fase foi como uma hemorragia interna — e eu, não sendo médica, sangrava sem saber por onde. Junto a isso, começava a despertar para a minha relação problemática com o hábito de dormir a qualquer indício de ócio ou tédio, relacionando com o dormir, também em

excesso, de meu pai e meu avô. O trauma do abandono somado à busca por preencher meu vazio com algo que não fosse o dormir, me fizeram ter esperanças de que as palavras pudessem fazer algo por mim.

Confesso que essa busca também iniciou carregada de preconceito. Pois, em algum nível, acreditava que, ao envelhecer, minhas possibilidades de relacionamento, trabalho e fluidez de escolhas e mudanças, cessariam, e eu estaria encurralada em minha velhice solitária. Nesse arcabouço, desejei me tornar íntima das palavras, para que elas suprissem todas as perdas que o tempo, supostamente, me reservava.

Ao final desses dois anos e meio de curso, consegui alcançar os dois objetivos que me fizeram escolhê-lo: aprimorei minha escrita, e agora escrevo textos de feliz aniversário ainda mais bonitos; e sinto-me menos vazia. Escrever e continuar escrevendo — até mesmo este Trabalho de Conclusão de Curso — tem me feito experienciar uma sensação que jamais havia sentido. Acho que preciso de mais tempo para elaborá-la, mas, grosso modo, escrever têm me ajudado a sonhar acordada. E, para mim, isso é muito, já que passei os últimos anos sonhando apenas enquanto dormia.

Acho que uma das piores consequências de uma sociedade acelerada e de valores capitalistas, é que as pessoas, massivamente, perdem a capacidade de sonhar. Não há tempo, nem condições favoráveis para que os sonhos brotem. E os desejos costumam vir de fora, trajados de coisas muito iguais para todos; abafam os desejos de dentro, esses, sim, tão únicos.

Quando percebo meu pai se emocionar com um violeiro tocando seu instrumento, eu sei que a emoção dele carrega também um pouco de pesar, por não ser ele com o violão. Não queria que meu pai acreditasse que seu destino é ser pra sempre um homem que constrói e conserta coisas, e só. Não quero que as pessoas acreditem que nasceram apenas para trabalhar pesado, chegando à velhice aposentadas dos seus sonhos.

Para mim, escrever (e continuar escrevendo) possibilita que eu vislumbre narrativas alinhadas ao que tenho de mais íntimo e misterioso. A escrita surge como um caminho paralelo ao caminho convencional de trabalhar para me sustentar, estudar para me qualificar ao mercado de trabalho e todas essas convenções a que estamos acostumados. Mas, como disse no início deste ensaio, não pretendia trazer soluções definitivas, não acho que seja a escrita uma salvadora universal de todas as dores da humanidade. O que exponho aqui são ideias que surgiram da minha experiência com o escrever e que, somado às pesquisas e às entrevistas para este trabalho, me fazem intuir

que toda pessoa escritora carrega um pouco dessa vontade (e capacidade) de escrever um mundo diferente. Mas essa é só uma suposição.

Ao que cabe a mim, pretendo inaugurar a velhice com palavras. Abrindo sulcos nas narrativas dominantes; tomara, escrevendo outras imagens de existência, experienciando a vida como se fosse um texto a ser escrito. Aprendendo a escrever enquanto escrevo.

3 MOSAICO

Seja feliz

Em todas as despedidas entre minha avó e mim, ela me rogava sua benção: – *vai com Deus. E* eu respondia com um *fica com Deus*, na esperança de que ele a guardasse para o meu próximo retorno. Numa dessas despedidas, junto do adeus de costume, ela também me disse para ser feliz:

– *Seja feliz, minha filha.*

Acho que foi um consentimento, talvez um pedido, uma herança. O certo é que chegou num momento bastante confuso da minha *jovem-adultez*, em que tudo o que eu precisava era mesmo que alguém que me amasse, que dissesse o que eu devia fazer.

Minha mãe conta que ela e os irmãos cresceram em pecado, porque tudo para a vó Iva era um pecado. Foi sob as leis da bíblia e da igreja católica que ela encontrou um jeito de controlar os doze filhos, sem ter de vigiá-los o tempo inteiro. Colocava Deus para dar-lhes os limites e a moral.

A mim, por sorte (já que fui escolhida entre os mais de quarenta netos e bisnetos) e pelo trabalho afetivo que o tempo faz de geração em geração, recebi mais do que os cuidados terceirizados através de Deus, recebi da vó Iva um antídoto contra os pecados.

Felicidade é um pouco disso: um antídoto de pecados.

Ana e o mar

Ana tem o sonho de construir turbinas eólicas dentro do Atlântico. Quando foi expulsa de casa, já vislumbrava as tempestades que, inevitavelmente, iriam atormentá-la. Mesmo assim, resolveu que queria construir turbinas eólicas dentro do mar. O que talvez ela não soubesse, é que teria de levar a casa nos ombros. Isso porque no dia em que adotou uma gata de rua, decidiu ignorar um conselho de sua mãe, batizando a gata com nome de gente.

– *Minha filha, não é bom colocar nome de pessoa em animal.* A mãe alertava.

Elis era o nome da gata. Assim como a cantora e a garota que surgiu no *Instagram* de Ana, com um papo de “*não acredito que a tua gata tem o mesmo nome que o meu*”. Talvez se Ana tivesse dado ouvidos à mãe, tivesse posto um nome-adjetivo, um nome-objeto na gatinha, hoje não carregasse a casa sobre as costas. Mas, eis que os fatos foram como foram, e Ana e Elis se apaixonaram.

Ana se apaixonou como se apaixonam todos os adolescentes depois de outra paixão findada. Ela, aos 19, Elis com quase 30, se amavam às escondidas, mas num sigilo pequeno, conforme costuma ser em cidades do interior. Não demorou para que os rumores chegassem aos ouvidos do pai de Ana – freguês assíduo do bar da esquina e conhecido por guiar as três filhas a rédeas curtas.

O pai, etílico e inconformado, decidiu que castraria a filha com as próprias mãos: percorreu a cidade atrás dela, num tempo necessário para Ana fugir, mas deixar a porta do quarto aberta, escancarando a sua

adolescência nas paredes e os discos do Belchior expostos como troféus. Isso foi tudo o que o pai encontrou da filha para destruir. E destruiu. Para dar o exemplo às irmãs menores: de que mulheres amam apenas homens e de que *Felicidade é Uma Arma Quente, Quente, Quente*.

Depois da fuga é que nasceu uma casa nas costas de Ana. Agora ela ensaia as turbinas no mar gelado e turvo do Sul com a casa sobre os ombros, onda após onda, fundindo a pele branquinha à espuma salgada que se vê do cais.

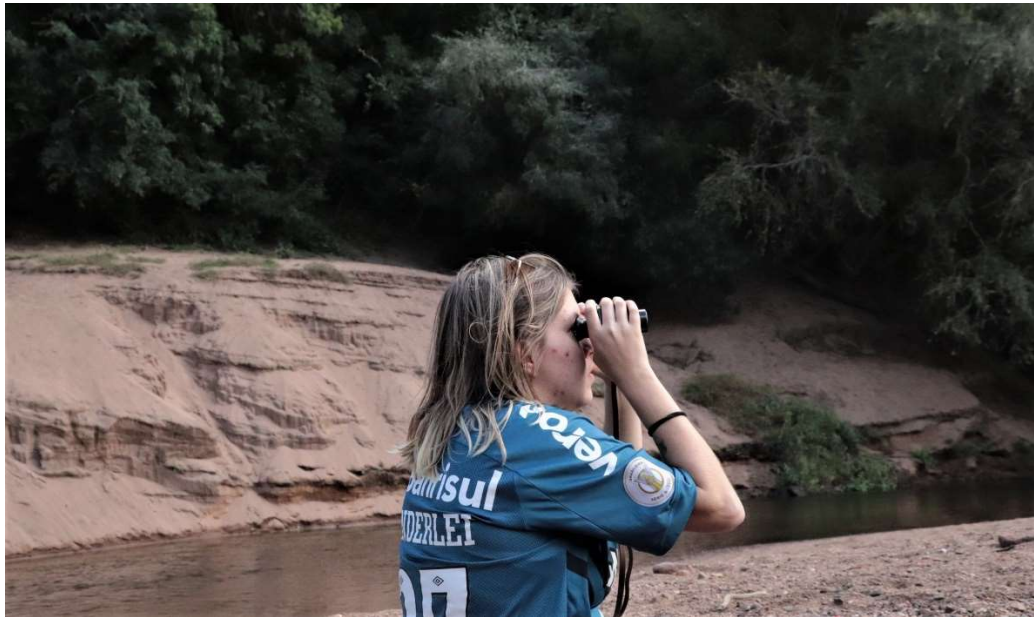
Ana regressa do mar sem que ninguém a receba com um jantar quente para lhe esquentar os dedos gelados de escamas. Ela sequer tem para onde voltar porque já carrega a casa inteira nos ombros: as contas, a pilha de louça, a madrugada que antecede a próxima manhã de trabalho mar adentro, e a próxima, e a próxima refeição à mesa em que tudo é inanimado.

A promessa de produzir energia com as turbinas eólicas é que faz Ana encarar o Atlântico diariamente, apesar de todo o peso. O seu sonho é nobre, de quem sabe a importância de o Planeta girar mais limpo; Ana deseja dar luz ao mundo. Talvez, também, para que as turbinas sejam seu gerador quando ela própria está meia fase.

Tem dias que seria um alívio as turbinas já estarem prontas, ou, que, pelo menos, Ana não precisasse carregar uma casa sobre os ombros, que a sua casa ficasse em terra firme, para que ela regressasse depois de uma tarde de ondas gigantes e imergisse o corpo gelado em um banho tranquilo, morno como o líquido amniótico do útero de sua mãe.

Ana tem um útero também.

O que torna os seus sonhos mais possíveis e, ao mesmo tempo, insuportáveis. Porque tudo habita em Ana: a casa e toda a água do Oceano Atlântico. Se não fosse o útero de Elis mais o útero de Ana, talvez Belchior ainda estivesse tocando no quarto ao lado do quarto do pai. Mas, assim, talvez ela não tivesse descoberto que as aulas de natação da infância funcionaram, que o mar guarda ensinamentos grandes e antigos, e ela, pequena e tão jovem, deseja todos eles.



Ana no Rincão do Inferno - RS, 2023 (Acervo pessoal).

No braço e na branquinha

Corro o risco de parecer exagerada nesta história. O que presenciei desafia leis da física e leis de trânsito, mas ocorre há muito tempo e com regularidade, simplesmente porque acontece no Ceará: terra acostumada a ter sempre um Francisco que desafia as leis.

Naquela tarde, a areia e o mar pareciam ter trocado de humor: os bares estavam calmos, sem música, e o mar agitado, revoltoso, num barulho contínuo de onda quebrada. Eu mesma só entrei por ser turista, por não ter autorização moral de viajar tantos quilômetros, pisar numa praia nordestina, e não mergulhar em cada oportunidade.

Secando sob o sol e a ventania cearense, avistei aquele pedaço de alguma coisa perto da linha do horizonte. Não era um barco – desses que a gente tá acostumada –, nem um caiaque ou uma lancha; não tinha vela, era só uma coisa de madeira com uma outra coisa vertical, preta e laranja, que se movimentava, ora ritmada, em comunhão às ondas, ora em desordem, em movimentos livres. O que me fez ter dúvidas se era uma pessoa, ou apenas um pedaço de pano amarrado a um pau à deriva. Mas, conforme se aproximava da praia, ficava evidente o suor e os gritos, as duras braçadas contra o vento e a maré. Se tratava de um homem em cima de uma jangada bem simples.

Francisco Alves era o nome dele. Simpático, enérgico, como tinha de ser para enfrentar aquela ressaca. Contou-me que havia ido buscar o jantar pra esposa preparar para ele e os filhos. É o que faz diariamente, como parte na sua tarefa de alimentar a família. Mostrou todo orgulhoso a variedade de peixes

que a esposa teria para cozinhar: cobra-do-mar, peixe-gato, aqueles outros, bem comuns, e, para beber, uma barrigudinha.

– *Esse aqui é o meu combustível.*

Francisco me mostrou a cachaça. Sorriso travesso, sabido de que o fato de entrar no mar sozinho, encachaçado, lhe conferia um título questionável e, mais ainda, admirável.

A praia do município de Aratinga, ganhou o nome de Canoa Quebrada por causa de um português que, nos séculos passados, chegando à praia, teve a embarcação quebrada pela força das águas, e não podendo arrumá-la, abandonou-a à beira-mar. Os indígenas que moravam por ali, tornaram a canoa quebrada do português um ponto de referência, que acabou se tornando o nome oficial da praia. Nessa mesma época, Canoa Quebrada também foi o lar de um outro Francisco, o Francisco José do Nascimento, mais conhecido como Dragão do Mar. Ele foi um dos responsáveis por iniciar as movimentações abolicionistas no Ceará, e é considerado um herói na região.

Quando perguntei ao Francisco jangadeiro, de 60 e poucos anos, como ele tinha tanta força, me respondeu:

– *Eu sô nativo.*

Acho que é por isso que o português ficou sem canoa: não era de sua natureza navegar pelo Ceará, tampouco devia se chamar Francisco.



Francisco, Canoa Quebrada - CE, 2022 (Acervo pessoal).

Higiene carcerária

Num raro instante de lucidez, como se estivesse sob os efeitos de um daqueles exercícios de meditação-projeção que encontramos no Youtube, me vejo de fora: percorrendo ruas com pernas que não lembro serem minhas, pisando em buracos que jamais percebi antes, numa cegueira de quem caminha pelas consecutivas largas e estreitas calçadas cinzas da capital, mas segue absorta, atrás de pensamentos. Ouço-me falar tranquilo com pessoas que guardo admiração e cortejar mulheres, só porque delas sinto medo. Como numa fotografia que nos registra distraídos, que mais tarde encontramos em alguma rede social. Uma foto sem permissão, que nos espalha aos inimigos, revelando o pior de nós: a assimetria do rosto, a gordura da barriga, que, em fotos posadas, escondemos.

Nos instantes que seguem, caminho inconsciente, por uma Porto Alegre também inconsciente, que não se enxerga. A pouco mais de um quilômetro da Universidade Católica, está a Nugesp, o Núcleo de Gestão Estratégica do Sistema Prisional, um lugar que é chamarisco de moscas e ratos, ponto de encontro de toda a loucura que a cidade detesta. É um lugar de histórias reais, que a maior parte dos alunos da PUCRS só conhece de ouvir falar, de estudar nas aulas de direito penal, de jornalismo investigativo, que a maioria de nós só tem acesso pelo incansável trabalho dos professores da psico, do serviço social, da filosofia, que persistem em levar um pouco de outras realidades à sala de aula.

Um dilúvio liga as existências de Pati e dos alunos da universidade católica, mas ninguém quer entrar e mergulhar no dilúvio para ouvir o que ele carrega. Para

catar-lhe as histórias que perpassa, os caminhos que cruza pelas vilas, restaurantes e que incorpora junto da água imunda.

Pati está desde as oito da manhã esperando a saída do marido, que foi determinada pelo alvará de soltura às nove do dia anterior. A Nugesp tem, no máximo, vinte e quatro horas para liberar um preso depois que ele recebe a soltura para responder ao processo em liberdade.

- Eu jurava que ia conseguir dormir hoje, mas o advogado me ligou sete hora da manhã pra dizer que o Nico ia ser solto, então eu vim pra cá.

Os homens e mulheres libertos deixam o Núcleo sem celular, sem dinheiro, de punhos marcados, vestindo calçados frouxos, sem cadarços, e as mesmas roupas de quando foram pegos no ato de um evidente (ou suposto) crime. Saem apenas na posse de um pedaço de papel, que lhes confere o título de recém-liberados da prisão, para que possam pegar ônibus de graça.

Atravessam os portões da cadeia, depois de dois ou quinze dias em cárcere, sem poder fazer uma única ligação, com direito, somente, a esperar pelo ônibus em uma das principais avenidas da capital. Esperam sem saber que horas ele chega, sob o teto estreito da parada, vestindo uma camisetinha fina, porque no dia em que foram presos fazia 30°, mas no dia da soltura, o vento corre frio pela Avenida Ipiranga.

Pati e as outras esposas, mães, irmãs, avós, tias e (pai) estão na porta da Nugesp para garantir que, esse abandono, seus libertos não passem. Com destino a Alvorada, Viamão, Rubem Berta, Independência, Lomba do Pinheiro, Campo Bom, retornam para casa juntos. Para que seus amores, saídos de trás das grades, não virem assunto nos jantares de casas de outros bairros. "Vi no

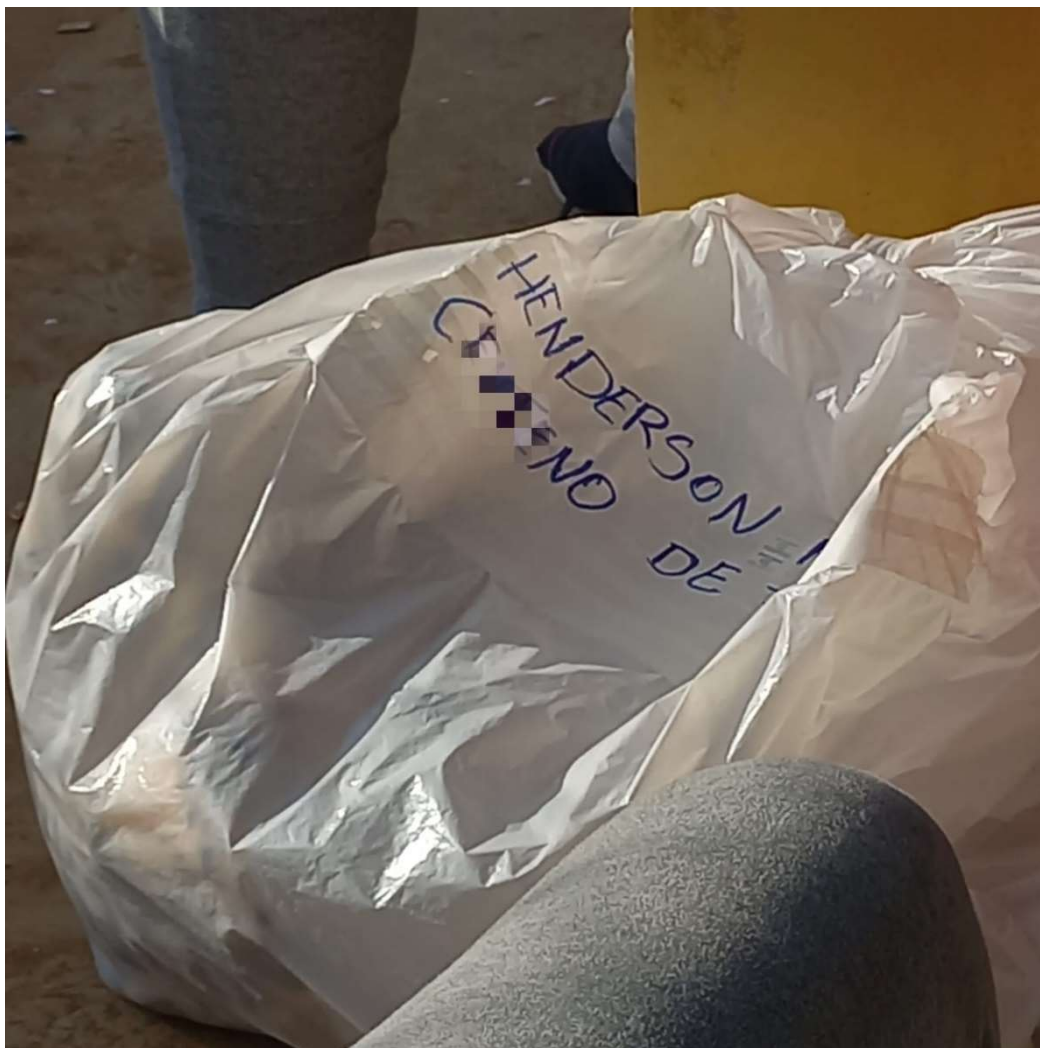
D43 um cara mostrar um papel pro cobrador e conseguir entrar sem pagar. O que será que é o papel, pai?"

O ofício A5 lhes garante passe livre, olhares curiosos e julgamentos: é o preço que pagam para atravessar o dilúvio de graça. Para saírem da Nugesp e irem em direção ao fim da linha, e ainda terem de pegar outro ônibus, para um bairro ainda mais distante; bairro que o pai do estudante da PUCRS alerta ao filho a cuidar para não entrar sem querer – seguindo o GPS que às vezes manda fazer rotas perigosas, por becos e vielas que carros levam bala se entram de farol aceso.

O homem embarcando sem pagar, só por causa do papelzinho A5, poderia ser Nico com a boca cortada da violência policial, não fosse a Pati esperá-lo desde as oito horas da manhã.

A irmã de Hederson, que me lembra uma personagem de novela das nove, veste uma calça rosa fluorescente, marcando o quadril grande. Ela desfila no interior da penitenciária, enrolada no cobertor de oncinha que os agentes não a permitiram deixar ao irmão preso. De dentro dos portões, ela faz graça e acena para as amigas do lado de fora, que riem, como telespectadoras da personagem cômica da novela. Mas o policial não quer nada dessa baderna dentro da Nugesp, e ordena: *"Tu não tá em casa, se desenrola do cobertor e anda logo pra fora!"*. A irmã de Hederson veio trazer a sacola de suprimentos de higiene, porque o irmão não será liberado como o Nico da Pati, mas, quanto a isso, ela dá graças a Deus, porque o irmão lá fora não estaria seguro. *"PELO MENOS ELE TÁ PRESO, VAMO AGRADECER QUE ELES TÃO VIVO LÁ DENTRO, TÃO PRESO, MAS TÃO VIVO. DA ÚLTIMA VEZ EU TIVE QUE VER O HEDERSON SENDO DETIDO DE UM LADO E O MEU OUTRO IRMÃO CAÍDO NO CHÃO, ESPERANDO PARA SER LEVADO PRO IML DO OUTRO"*. Ela desabafa, toda agradecida de a situação

atual não ser a mesma do passado. As mulheres à volta num coro dizem: “é verdade, temos que agradecer”. Até sorriem, juntas, num alívio momentâneo daquela realidade de cadeia, mas, de certo modo, confortante, porque seus filhos e maridos e netos, têm uma vida, mesmo que encarcerada, pelo menos, estão menos suscetíveis ao ódio da facção inimiga.



Sacola de produtos de higiene para Hederson, Nugesp, Porto Alegre - RS, 2023 (Acervo pessoal).

Pati também já havia sido presa, e teve a casa invadida três vezes pela polícia, sem nenhum mandado de busca e apreensão. Ela, que nunca abaixa a cabeça pros policiais civis, diz para todos eles que podem vasculhar

a casa inteira, não vão encontrar nada, porque lá dentro tem duas meninas, uma de onze, outra de sete. O filho mais velho, num domingo recente, foi preso por colocar fogo num carro. Mas era réu-primário, Pati nem precisou acionar a advogada, acordou na segunda-feira com a ligação do filho. *"Eu não sabia se eu chorava, ria ou xingava, e ele rindo, dizendo que foi dar um passeio diferente."*

A primeira vez que invadiram a casa de Pati foi num sábado de sol, de churrascada. Tudo começou porque tinha um guri vendendo droga no beco ao lado, e a casa dela era conhecida como rota de fuga. O filho havia saído para lavar a moto quando os policiais pularam o muro da casa atrás do tal do guri do beco. O comandante falou para Pati *"eu já prendi o teu filho"*, ela respondeu de cabeça erguida, *"eu não sei, ele já é de maior, responde pelos atos"*. *"E onde ele tá?"*, *"Tá comprando pastel"*, disse sem mencionar que estava lavando moto alguma, porque a moto era roubada, e porque a vizinha vendia pastel.

Antes que a polícia revirasse tudo, Pati escondeu, dentro do balde de limpeza, todos os pacotinhos de droga que estava enrolando. Daquela vez, não caiu ninguém. No dia seguinte, mandou cobrir o muro de caco de vidro: *— Foda-se que a minha casa não é mais rota de fuga, enche isso aí de vidro. Mas, há duas noites, o Nico caiu. Pati diz que foi enxerto da polícia, e, que, depois que os dois saírem da Nugesp, vão direto na corregedoria denunciar, porque o marido não estava envolvido em nada desta vez. Ele levou chutes e ponta pés de graça, e teria que beijar Pati com a boca cortada, sendo que a droga e as armas não eram dele.*

Passaram-se as vinte e quatro horas do alvará de soltura, mas Nico continua *irrevelado* atrás dos muros.

Às 22 horas, é horário máximo que se pode ficar na "salinha de espera", que mais parece uma salinha de despejo, fétida do cocô dos banheiros que as famílias e os moradores de rua dividem. Pati espera mais do que o prazo da lei, envolta do fedor e de pacotes de salgadinhos, papéis e lixos variados que se acumulam sob os seus pés, nesta "salinha" que só se pode ocupar até as dez da noite porque, ao que tudo indica, depois disso é o horário dos ratos.

Helen, no canto do banco amarelo, conta o caso do filho: — *ele é trabalhador, a droga não era dele, era de um colega*. O filho, meio adolescente, meio adulto, pai de um bebê de sete meses, estava só esperando completar 18 anos, daqui a dois meses, para servir no exército, mas os policiais o pegaram no meio do expediente, há um dia. Helen, com os olhos cheios de água, promete às companheiras de espera, que vai atrás das câmeras de segurança da CEASA, que vai provar a inocência do menino, fazê-lo mudar de lado nas grades. "*Vou mover mundos e fundos*". Ela até pediu demissão, quer se dedicar ao máximo para provar a inocência do filho, garantir que ele cresça na carreira de oficial, que um dia se aposente aos 35 anos, como seu ex-chefe se aposentou. Helen espera a saída do filho, vai limpar o nome dele, vai vê-lo ganhar um salário de onze mil reais como o do ex-patrão, para que o garoto não precise mais frequentar a CEASA, correndo o risco de ser preso, sendo um pai trabalhador.

São quase sete horas da noite, as últimas aulas da semana vão iniciar em breve nos prédios da PUCRS. Dos portões da Nugesp, só se veem viaturas chegando com mais e mais detidos. Ninguém sai, só entra. Ao fundo, uma voz feminina parece gritar do pátio escondido pelos muros altos e cobertos de arame: — *Me tirem daqui! Por*

favor! Há mulheres na detenção também. Apenas eu, e talvez mais dois à espera delas; das mulheres que cruzarão a liberdade ainda hoje.

A irmã de Hederson se despede. Da próxima vez que levar suprimentos ao irmão, provavelmente o fará em outro destino: o Central, o Pecan ou no presídio de Charqueadas.

– *Lá vai ela. O tamanho do bundão da nega,* comenta a esposa do homem que foi pego em flagrante, roubando celular no centro. Nessa hora, me lembro de 2015, quando toda semana um colega tinha o celular roubado nas redondezas da UFRGS.

Enxergo-me ao lado dessas mulheres, num lapso, vejo minhas pernas e lembro-me dos meus joelhos levemente dobrados pra dentro. Pati tem um rosto lindo, a boca pintada num batom rosa impecável, à espera para borrar com um beijo na boca machucada de Nico. Eu a respeito muito, mas também a temo. Depois me despeço, elas seguem esperando nos bancos sujos que a Nugesp reserva às famílias dos presos. Sigo a minha vida de costume, perto dali, mas muito longe. Elas também seguem suas vidas de costume, à espera dos seus homens e filhos que são presos. Não sei se um dia a gente se encontra de novo. Porto Alegre tem muitas ruas que não se conhecem, tem um dilúvio que nos separa.

Mulheres que moram em barracas

A mãe e o menino

– *Tu fazendo uma coisa tri saudável, e eu miojo. Os Brasis, né.* Iolanda me aborda assim, rindo com seus olhos verdes e atentos. Depois de uma tarde na rua vendendo paçoquinha, a mulher grande prepara um jantar pequeno e precário para si e o filho, antes de irem para seus casulos, que insiste em não os transformar. Os dois moram em uma barraca no camping que, para mim, é só uma estadia barata e ligeira nas férias de janeiro.

A barraca que ela dorme com o menino fica colada às barracas dos outros moradores do camping – a maioria de hippies que vendem, nas calçadas do centro, suas artes feitas de arame, pedras e pedras de mentira. A área dos moradores é separada da área de hóspedes como eu: as barracas dos mensalistas ficam sob uma copa de folhas; são casulos de nylon e poliéster, que guardam sonhos de verão a apodrecer antes de se tornarem borboletas. Iolanda e o menino me parecem sempre meio molhados, saídos de seus casulos sob a copa de folhas verdes, que os protege da chuva, mas não sem umedecê-los de suor e maresia. Folhas verdes como o verde dos olhos de Iolanda, e verde como o seu filho.

O menino faz 3 anos em março. Nasceu junto da pandemia. Das crianças que encontro pela praia, é a mais independente: corre nas britas de pés descalços, cai e levanta sem chorar uma única vez, como uma criança que se acostumou a andar sobre pedras. O menino tem até um semblante – acho uma coisa tão de adulto ter um semblante –, ele tem um ar de pessoinha centrada, que aprendeu bem cedo a não fazer birra, a ser seu próprio

pai e o filho de Iolanda. Ele nunca responde aos chamados de estranhos. A mãe me esclarece que não é surdez, embora eu nem tenha pensado nessa hipótese. Talvez ele só queira tornar o camping menos lotado de gente desconhecida, fazer do camping uma casa de verdade, só dele e da mãe, ignorando as visitas incontroláveis que vêm e vão enquanto ele permanece.

Agora o menino tem ido à escolinha. Iolanda costumava caminhar oito quilômetros para levá-lo à creche, pois não havia transporte no lugar que moravam antes do camping. Ele nasceu em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, o pai é baiano e, apesar do seu nome estar na justiça para pagar a pensão, o espírito está por aí, não se sabe onde.

Certa vez, quando ele ainda não ia pra creche, Iolanda foi denunciada por umas pessoas que a viram vender paçoca na rua com o menino do lado. – *A juíza me defendeu, foi me observar e viu que eu estava só trabalhando. Ela ainda deu esporro em quem falou que eu levava meu filho pra trabalhar; disse que eu podia ter abortado, podia estar indo pra praia como todo mundo, bebendo, usando droga, me prostituindo, mas estava trabalhando dignamente.*

– *Eu sempre tive isso de ausência paterna.* Iolanda me revela, em cada um dos nossos encontros na cozinha, pedaços de quem fora antes de se tornar uma moradora de campings. Seus olhos sempre atentos encontram os meus também atentos, e ela diz que parece me conhecer de algum lugar: – *Sei que vai parecer meio esquizofrênico, mas parece que te conheço.* Eu a entendo bem. Faz só um par de dias que nos conhecemos, mas já reconheço o seu cheiro e o do menino de longe, é o mesmo da gordura impregnada nas paredes e nas panelas da cozinha coletiva.

Enquanto Iolanda trabalha, suas roupas ficam coalhando no varal em frente à geladeira e as pias. Quando chegam em casa, tomam o primeiro banho, de roupa e tudo, no chuveiro da rua, o mesmo que uso para limpar a areia dos pés depois da praia. Iolanda e o menino me parecem sempre meio molhados. Ela reclama do sobrepeso, os joelhos doem; diz descontar a ansiedade na comida. Recusou a indicação de fluoxetina da equipe do CRAS poque, segundo ela: *"Não adianta tomar remédio sem resolver o que causa a ansiedade"*. Penso em compartilhar que havia me tratado da compulsão alimentar com ajuda de remédios, mas não me atrevo a comparar a minha fome com a fome de Iolanda.

Iolanda nasceu em Porto Alegre, foi criada pela mãe, e, como me disse, era uma menina normal como as outras, com um futuro certo: trabalho, estudos e uma família. Mas, quando chegou à vida adulta, decidiu que não era igual às amigas, que tinha alma de artista. Então, tornou-se DJ, tocava em festas da Cidade Baixa, e, em algum momento, se jogou pelo Brasil.

Ela é a favor das invasões bolsonaristas em Brasília. Argumenta estarmos todos sendo manipulados, vigiados, e que as eleições foram uma farsa. Mas não me conta isso claramente, teme que eu seja contrária. Pede para eu ler seu diário improvisado nas folhas restantes do caderno de rotina da creche do filho. *"O que escrevo aqui é forte, tem pessoas que me colocariam em uma câmara de gás se me lessem. Tem gente que diz que é esquizofrenia, paranoia [...]"*. Não consigo decifrar as frases seguintes, mas finjo ler, enquanto reflito o que fazer com o relato.

Há menos de um mês das invasões e depredações golpistas nos principais prédios públicos do país, o mais difícil para mim não é respeitar o posicionamento

político de Iolanda. Mas sustentar esse lugar vulnerável que nos colocamos as duas. Do nosso encontro na cozinha coletiva, reconhecemos uma à outra em olhares sensíveis, que às vezes me parecem ver coisas demais. As palavras "esquizofrenia" e "paranoia" no caderno ressoam como se fossem minhas também.

Caminho até o túnel de folhas verdes para encontrar Iolanda sentada em frente à barraca, à espera do meu veredito. Prontamente, concordamos em discordar sobre política, e então ela se sente confortável para me convidar para sentar, enquanto tece uma copa de memórias e angústias sobre nossas cabeças.

Certa vez, na cidade em que o menino nasceu, um homem desconhecido a abordou no supermercado para dizer-lhe que um vídeo pornô dela estava sendo repassado por aí. Quando chegou à Garopaba, ouviu outras indiretas, mas nenhuma tão direta como a do homem no supermercado no Rio de Janeiro. Por todo lugar que vai, tem alguém que conhece o passado de Iolanda, e que agora a atormenta com a história do tal vídeo pornô.

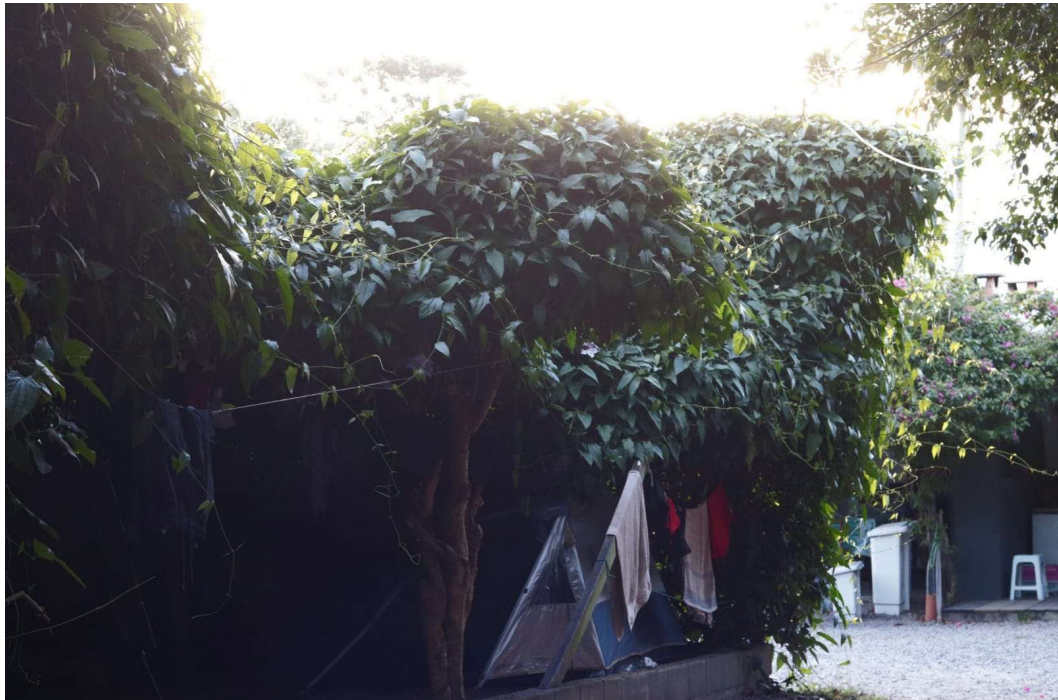
Ela não sabe se o vídeo, de fato, existe; pelo menos nunca consentiu qualquer gravação. – *Mas, não se sabe, eu bebia antes de ter ele [o menino], talvez tenha ido pra casa com algum cara e ele gravou.* O que a corrói é não saber se o tal vídeo existe de fato.

Quando algum hóspede ou morador se aproxima, Iolanda interrompe a história, e eu me sinto lisonjeada pela confiança. À medida que fala, noto seu semblante mais sereno, porque, o que ela compartilha comigo, é um segredo, e poucas coisas destroem mais a alma do que um segredo. – *Tem gente que diz que isso é esquizofrenia, então me deem um remédio!* Reluta: – *Mas não é esquizofrenia.* Iolanda também teme que, se caso o vídeo existir mesmo, e ela conseguir acessá-lo, as pessoas

por trás disso queiram se vingar, encomendando sua morte.

– Eu sou uma mulher expressiva, não vou conseguir ficar quieta! Imagina vir o jornal aqui no camping fazer uma matéria, outras mulheres, vítimas de vídeos íntimos sem consentimento vão querer justiça também. E tu acha que as pessoas por trás disso vão deixar barato?

A barraca não protege Iolanda e o menino de ninguém. Para todos os lugares que se mudam, Iolanda diz que pessoas estranhas a abordam para atormentá-la sobre o vídeo pornô que ela nem sabe se existe. Não importa a cidade que moram, ela e o menino continuam sem pai. Penso no que me disse sobre a ansiedade e a fluoxetina, e concordo que, enquanto a vida dela e do filho estiver coberta de uma copa de folhas tão frágil, não haverá, de fato, ansiolítico que resolva seus medos.



Camping, Garopaba – SC, 2023 (Acervo pessoal).

Bel

O sorriso inteiro de Bel cabe na barraca que ela vive no único camping da turística Jericoacoara. Quando tinha 12 anos, morou sem teto na Pedra do Arpoador, lisa, escorregadia pedra de pele de menina ainda ingênua e que não sabia ser infeliz. É o que me relata: “— *Os adolescentes de hoje em dia são muito frágeis, quando eu era adolescente, eu não sabia que era infeliz.*” A mineirinha anoitecia às margens do pôr do sol no Arpoador, quando o Rio de Janeiro ainda era a Ipanema de Tom Jobim, até que um homem apareceu fazendo-lhe uma proposta de casa, comida e roupa lavada em troca dos cuidados com a sogra dele. Bel deixou a pedra com pesar, mas convencida pelo homem de que seria melhor ter um teto. O que prometia ser futuro, se mostrou uma volta ao tempo, um tempo em que as meninas da cor de Bel eram legalmente escravizadas. Aos 15 anos, com a raiva que só o corpo adolescente sabe extravasar com tanta fidelidade ao sentimento, ela conseguiu fugir: rompeu o cárcere e a escravidão velada de “favor”, que a princesa Isabel jamais pôde (ou quis) impedir.

Bel desfila pelo camping um sorriso construído ao longo dos seus 70 anos. Uma mulher resistente, num camping-resistência, que, em meio aos empreendimentos milionários de Jeri, é a casa dos trabalhadores que constroem e limpam as pousadas e que alimentam os turistas nos restaurantes. Bel trabalha em um desses restaurantes à beira-mar, e todas as manhãs antes do expediente, ela mergulha nas águas de marés antagônicas de Jeri, que de dia são altas e à noite recuam a perder de vista.

Antes de morar no camping, a mulher residia em um apartamento em João Pessoa, mas não quer nem saber de voltar para lá. O filho que alugou o apê para a mãe é o único dos três que ela ainda convive. O primeiro é falecido, foi morto há bastante tempo. Sem mover uma ruga de tristeza, mas num

tom de voz assombrado, Bel diz que o filho escolheu esse caminho, que não o criou para ser bandido. A outra filha, mora em São Paulo, – cidade em que Bel se consagrou como cozinheira e empresária – é casada com um descendente de japonês; os dois têm uma filha pequena, que Bel mal conhece porque o genro é racista. O pai dos três filhos já morreu há muitos anos. A única coisa que ele a deixou de herança foi uma cicatriz nas costas, de uma briga de faca que os dois tiveram.

Mas, a facada que mais machuca Bel é uma facada que ela não levou. Quando estava morando em João Pessoa, cumpria o mesmo ritual de ir à praia todas as manhãs antes do expediente, sempre sozinha, não havia feito amizades na capital paraibana. Mas em uma das manhãs, seu ritual foi interrompido por um homem com um facão.

– Eu sou uma mulher velha, eu não imaginava que com essa idade eu ia passar por isso. Ele veio com um facão, mandando eu entrar no meio das árvores. Não precisava me estrupar, se tivesse falado com jeito, quem sabe eu até ia com gosto.

Bel ainda está se recuperando da facada que não aconteceu em troca do estupro. Apesar de seu histórico infeliz com homens que a arrancam do seu sossego à beira da praia, ela não desiste de viver pertinho do mar. A mineira cresceu com sede de água salgada. Até o momento, a barraca, no único camping de Jeri, têm sido um bom lar. Pelo menos é isso que seu sorriso aberto e tranquilo conta.



Camping, Jericoacoara - CE, 2022 (Acervo pessoal).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar o pensamento preconceituoso da cultura vigente em relação à velhice e propor uma mudança dessa narrativa, a partir da arte da escrita, foi bastante desafiador. Principalmente, porque nada é capaz de dar conta, sozinho, de mudanças sociais que precisam ocorrer em diferentes níveis e âmbitos. Além disso, apesar de haver ampla biografia a respeito de como o capitalismo influencia negativamente na subjetivação das pessoas, para mim, foi bastante complexo contextualizar quais são os valores capitalistas, e como eles nos adoecem e contribuem para a estigmatização na velhice.

Para a construção da parte criativa, os desafios estiveram presentes em todas as etapas: primeiro, na escolha de quais encontros eu poderia extrair, com maior entusiasmo e facilidade, uma história interessante; depois, ao criar a estrutura e a narrativa em torno daquilo que eu identifiquei, ou decidi, como questão essencial de cada pessoa-personagem; e, por fim, o desafio de escrever com literariedade, muito mais do que num tom jornalístico.

Com o fim desta etapa, pretendo dar início ao estudo e à pesquisa de técnicas de ficcionalização de personagens e iniciar a montagem do livro que seguirá o gênero de *Mosaico*.

Miscelânea foi o trabalho mais bonito que já me dediquei, não pelo seu resultado, que julgo ainda bastante raso em nível de pesquisa e reflexões filosóficas acerca do assunto da velhice e do capitalismo, tal como considero precária a qualidade literária da parte criativa, mas, porque entendi que aprofundar meus esforços para o estudo e a criação literária é o que torna a minha vida mais interessante. Escrever é trabalhoso, mas é apaixonante, na medida em que me transforma e me dá respostas, letra por letra, me fazendo continuar.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/etarismo>. Acesso em: 30 maio 2023.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **Estado de Minas**. Entrevista concedida à Isabela Teixeira da Costa. Livro narra histórias reais e fala sobre a vulnerabilidade humana evidente com a proximidade da morte. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/feminino-e-masculino/2020/04/26/interna_feminino_e_masculino,1141815/livro-narra-historias-reais-e-fala-sobre-a-vulnerabilidade-humana-evid.shtml. Acesso em: 05 mai. 2023a.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **TEDx**. A morte é um dia que vale a pena viver. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ep354ZXKBEs>. Acesso em: 05 maio 2023b.

ARANTES, Ana Claudia Quintana. **A morte é um dia que vale viver**. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **Relato pessoal enviado por e-mail**. Porto Alegre: 2023.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. [*e-book*]

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Rio Grande do Sul: Arquipélago Editorial, 2006. [*e-book*]

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. São Paulo: Global, 2014. [*e-book*]

DE BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Alfaguara, 2016. [*e-book*]

ESTIMA, Maria Luiza. **Relato pessoal enviado por WhatsApp**. Porto Alegre, 2023.

GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2016.

GILLES, Deleuze. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006.

GLOBAL, Editora. **Cora Coralina**. São Paulo. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=2077> . Acesso em: 02 jun 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. [*e-book*]

HAN, Byung-Chul. **BYUNG-CHUL HAN: SOCIEDADE DO CANSAÇO.** Documentário completo [2015]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VbPvH515KoY&ab_channel=CLINICAND-PSICAN%C3%81LISEEESQUIZOAN%C3%81LISE. Acesso em 20 abril 2023.

KRENAK, Airton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MÃE, Valer Hugo. **A máquina de fazer espanhóis.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

NUNES DE MORAES, Edgar; LANNA DE MORAES, Flávia; DE PAULA PESSOA LIMA, Simone. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista Med Minas Gerais**, Minas Gerais, v. 20, n. 1, p. 67-73, 2010.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: Um manifesto.** Tradução de Luis Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. [e-book]

PLANALTO. **Estatuto da Pessoa Idosa.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 13 maio 2023.

ROSA. João Guimarães. A terceira margem do rio. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção: Pedro Cezar. Produtora: Artesanato Eletrônico. Produção Executiva: Pedro Cezar, Kátia Adler e Marcio Paes. Brasil, 2010. Mídia de acesso ao filme: Netflix. Acesso em: 15 abril 2023.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

